

Provérbios chegam à academia

LINA DE ALBUQUERQUE

Depois de transitar de boca em boca, por centenas de anos e nas mais variadas línguas, os provérbios começam a penetrar num universo quase sempre avesso às manifestações espontâneas da linguagem popular: o dos trabalhos acadêmicos. Neste ano, duas dissertações de mestrado, defendidas por um psicanalista e uma psicóloga da Universidade de São Paulo (USP), demonstraram em caminhos diferentes que o provérbio pode revelar-se mais do que um simples canal de expressão dos valores coletivos.

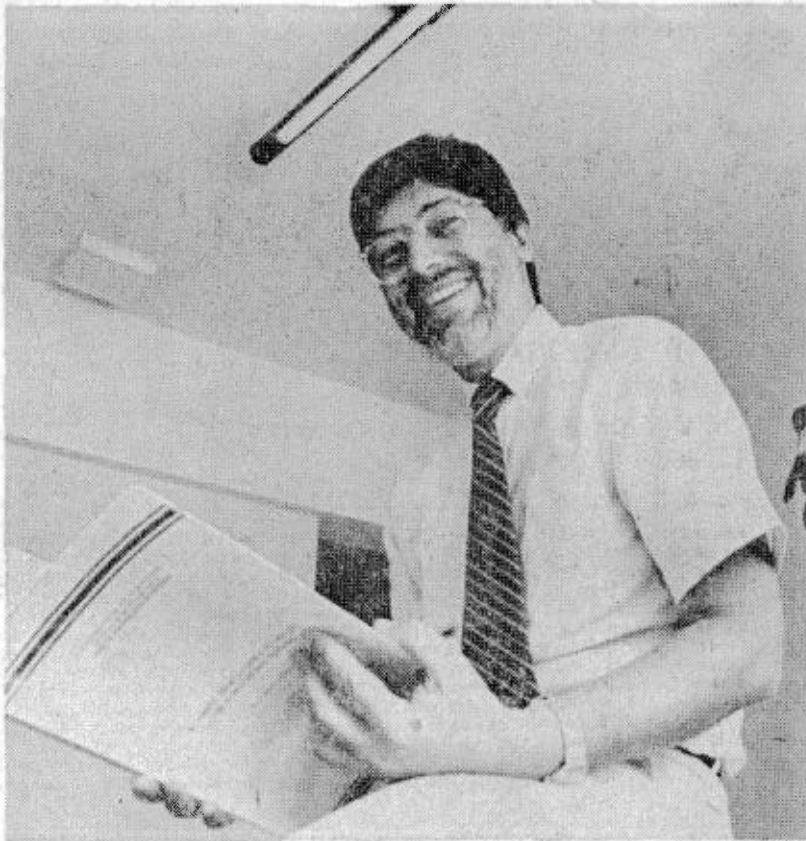
O primeiro estudo, elaborado pelo psiquiatra e psicanalista Cláudio Cohen, localiza a origem do provérbio no inconsciente coletivo — aquilo que Sigmund Freud, ao contrário de Jung, teria preferido chamar de "herança filogenética". Trata-se, de acordo com o autor, da primeira abordagem psicanalítica do provérbio. Alguns ditos populares, segundo Cohen, expressam o inconsciente da humanidade inteira, por encontrarem correspondência em todas as línguas. É o caso, por exemplo, de "gosto não se discute": *Ge you kian eiu*, em chinês ("Os gostos não se discutem"); *Tadekuei mushimo sukizusci*, em japonês ("Há um inseto que gosta da planta 'tade', que é amarga"); *De gustibus non est disputandum*, em latim ("Sobre gostos, não se discute") e, ainda, *Everyone as they like best*, em inglês ("Cada um com o que gosta mais").

Outras expressões — como "jogar lenha na fogueira", "ensinar padre-nosso ao vigário", ou "uma andorinha não faz verão" —, submetidas ao divã do psicanalista, também fazem parte, acredita ele, do inconsciente universal. Diferente do chiste, longamente dissecado por Freud e associado tão-somente ao "princípio do prazer" (sua finalidade se esgota na pro-

dução do riso), o provérbio, para Cohen, está voltado também ao "princípio da realidade", pois o seu efeito leva a pensar.

A psicóloga Cleuza Beatriz Baptista Silva idealizou justamente um teste de provérbios cujo objetivo é avaliar o nível de pensamento e diagnosticar problemas ligados ao desenvolvimento mental da criança e do jovem dos oito aos 15 anos. Tomando como ponto de partida um estudo realizado pelo pedagogo Jean Piaget, ela aplicou o seu teste, formulado com 15 ditos populares mais conhecidos e cuidadosamente selecionados de uma ampla lista de exatos 7.944, a grupos integrados por quatro faixas etárias distintas.

Nele, a autora apresentou três opções que iam da total dissociação do significado do ditado, passando pela captação apenas do seu sentido literal a, finalmente o entendimento abstrato. Segundo ela, crianças de oito a nove anos escolheram, na maioria das vezes, respostas desvinculadas do significado, ao passo que as de dez a 11 anos demonstraram compreender melhor o sentido literal ou concreto (exemplo: de tanto bater contra a pedra, que é sólida, a água acaba por perfurá-la), e só a partir dos 12 anos elas parecem começar a assimilar a abstração do provérbio (no caso, a insistência faz com que a pessoa atinja seu objetivo).



Michele Mifano/AE

Cohen: origem no inconsciente coletivo

20-09.89